

AS MINÚCIAS DA VIDA COTIDIANA E O FAZER-FAZENDO DA DOCÊNCIA: DILEMAS E DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

THE MINUTES OF EVERYDAY LIFE AND THE DO-DOING OF TEACHING:
DILEMMA AND CHALLENGES OF CONTEMPORARY EARLY EARLY SCHOOLS

Altino José Martins Filho¹
Lourival José Martins Filho²

Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo. (João Guimarães Rosa, 2001, p. 71)

Resumo: O presente artigo constitui-se de reflexões analíticas e propositivas de pesquisas que caminham por uma crítica em relação ao fazer-fazendo da docência com crianças desde bebês em contextos de Educação Infantil. Apresenta como objetivo principal investigar, interpretar e descrever as diferentes minúcias nos meandros das rotinas cotidianas, olhando e percebendo a realidade da escola com base na perspectiva da Sociologia da Vida Cotidiana Machado Pais (1986; 1993; 2003) e dos estudos da Pedagogia da Infância realizados por Barbosa (2001; 2009; 2010) e Martins Filho (2010; 2013; 2024; 2023). Em um terceiro momento, trazemos apontamentos que consideram o cotidiano e as rotinas como categorias centrais da docência nesta primeira etapa da Educação Básica, os quais em nossas análises se apresentam em volta de dilemas e desafios para pensar e fazer a escola contemporânea com crianças desde bebês.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Escola; Docência; Dilemas; Desafios.

Abstract: This article consists of analytical and propositional reflections of research that moves towards a critique in relation to the doing of teaching with children from babies in Early Childhood Education contexts. Its main objective is to investigate, interpret and describe the different details in

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em História (UFSC) e Pedagogia (UNINOVE). Especialista em História Social (UDESC). Pós-Doutorado pela Universidade do Minho em Portugal (2015) e pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) com bolsa PNPd da CAPES/Brasil (2019-2020) com estágio supervisionado na Itália em Reggio Emilia e San Miniato. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/PPGE), Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), atuando como coordenador no Laboratório e Núcleo de Pesquisa em Didática e Formação Docente (NAPE/UDESC/CNPq). Professor de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis/PMF de 1990/2022 na Secretaria de Educação/SME. Contatos: altinojosemartins@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1260-2992>

² Doutor em Teologia com ênfase em Educação e Religião pela Escola Superior de Teologia - EST/RS. Mestre em Educação e Cultura (UDESC); Pedagogo (UDESC); Especialista em Alfabetização (UDESC); Pós-Doutorado em Educação e Religião na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Diretor de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação - SEB/MEC. Professor Titular de Alfabetização e Produção Textual na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenador da Linha de Pesquisa Alfabetização e Políticas Curriculares no Laboratório e Núcleo de Pesquisa Didática e Formação Docente (NAPE/UDESC/CNPq). E-mail: lourival.martinsfilho@udesc.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8464-7236>

the intricacies of daily routines, looking at and perceiving the reality of the school based on the perspective of the Sociology of Everyday Life Machado Pais (1986; 1993; 2003) and Childhood Pedagogy studies carried out by Barbosa (2001; 2009; 2010) and Martins Filho (2010; 2013; 2024; 2023). In a third moment, we bring notes that consider everyday life and routines as central categories of teaching in this first stage of Basic Education, which in our analyzes present themselves around dilemmas and challenges for thinking about and doing contemporary schooling with children from babies onwards.

Keywords: Early Childhood Education; School; Teaching; Dilemmas; Challenges.

Resumen: Este artículo consta de reflexiones analíticas y proposicionales de investigaciones que avanzan hacia una crítica en relación al hacer de enseñanza con niños desde bebés en contextos de Educación Infantil. Su principal objetivo es investigar, interpretar y describir los diferentes detalles en los entresijos de las rutinas cotidianas, mirando y percibiendo la realidad de la escuela a partir de la perspectiva de la Sociología de la Vida Cotidiana Machado País (1986; 1993; 2003) y la Infancia. Estudios de pedagogía realizados por Barbosa (2001; 2009; 2010) y Martins Filho (2010; 2013; 2024; 2023). En un tercer momento, traemos notas que consideran la cotidianidad y las rutinas como categorías centrales de la enseñanza en esta primera etapa de la Educación Básica, que en nuestros análisis se presentan en torno a dilemas y desafíos para pensar y hacer la escolarización contemporánea con niños desde bebés en adelante.

Palabras clave: Educación Infantil; Escuela; Enseñando; Dilemas; Desafíos.

INTRODUÇÃO

A complexidade da infância reverbera na complexidade da escola de Educação Infantil (Altino José Martins Filho, 2010).

O presente texto constitui-se uma análise reflexiva que caminha por uma abordagem crítica do fazer-fazendo da docência com crianças desde bebês em contextos de Educação Infantil³. Apresentamos como objetivo principal investigar, interpretar e descrever as diferentes minúcias nos meandros das rotinas cotidianas, olhando e percebendo a realidade com base na perspectiva da Sociologia da Vida Cotidiana de José Machado Pais (1986; 1993; 2003) e dos estudos da Pedagogia da Infância realizados por Maria Carmen Silveira Barbosa (2001; 2009; 2010) e Altino José Martins Filho (2010; 2013; 2024; 2023).

Conjugado a tal objetivo, nossa abordagem teórica e metodológica parte da problemática que a especificidade da docência com a Educação Infantil somente se constituirá e se consolidará na medida em que as peculiaridades e os fundamentos do fazer-fazendo no

³ Adotamos a nomenclatura “bebês e crianças bem pequenas” seguindo as orientações do documento *Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares* (BRASIL, 2009), no qual se compreende bebês como crianças de zero a dezoito meses, e crianças bem pequenas como crianças entre dezoito meses e três anos e onze meses.

percurso da vida cotidiana forem amplamente compreendidos pelas professoras e professores. Isso requer um trabalho dos adultos (profissionais) sobre eles próprios, que viabilize a construção de “micropolíticas de resistência”, conforme propõe Félix Guattari (1987). Ou ainda, como assevera Sousa Santos (2000), a emergência de educar para a “desobediência crítica” em relação aos processos educativos que pendem para o pilar da regulação, em oposição ao pilar da emancipação. Nossas análises pretendem abordar alguns dilemas e desafios para pensar a escola contemporânea para crianças desde bebês.

Quando se tratam de crianças muito pequenas observamos uma maior dificuldade na consolidação de uma cultura própria e específica pensarmos e realizarmos o fazer-fazendo da docência (Ongari; Molina, 2003; Martins Filho, 2013), fato que dificulta a valorização, a qualificação e o reconhecimento da importância da profissão docente, inclusive entre os próprios professores e outras categorias de profissionais. Como refere Sônia Kramer (2002, p. 136-7), o trabalho docente entre professoras e auxiliares acaba “oscilando entre aquela que, simplesmente, reproduz o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidado e socialização infantil e aquela que se associa ao modelo de professor/a de outros níveis de ensino.”

As italianas Barbara Ongari e Paola Molina (2003, p. 22) sintetizam com primazia tal discussão, apontando que, apesar da riqueza e do interesse teórico “da reflexão educativa que se está construindo pouco a pouco em torno das creches para a educação e cuidado das crianças de zero a três anos, falta, todavia, uma discussão global da profissão, capaz de construir um perfil profissional relativamente homogêneo”. Dessa forma, dizem as autoras, o papel da professora de Educação Infantil é vivenciado mais como um papel a “ser inventado” do que como um papel “definido a ser assumido” ou, em última hipótese, “a ser inovado”.

Com efeito, fica evidente a necessidade de inventar o fazer-fazendo da docência com crianças desde bebês, para daí poder assumir ou construir a docência interligada à vida cotidiana. Mas o “inventar” precisa aqui ser entendido não no sentido de dar asas à imaginação e assumir atitudes sem um direcionamento e intencionalidade, sem critério e planejamento, mas como um novo recurso para atingir um fim por meio de reflexões elaboradas e fundamentadas em concepções e princípios orientadores da prática de cuidado e educação em contexto de vida coletiva. Inventar como uma ação do cotidiano pode assumir o significado de criar, de fazer um esboço e colocá-lo em prática, assumindo a dimensão de idealizar e encontrar possibilidades outras.

Para Walter Kohan (2010), a infância tem sido associada a uma metáfora de uma vida sem razão, obscura, sem conhecimento, como minoridade. Entendemos que a metáfora da

minoridade também produz marcas nas concepções que circulam no trabalho das professoras com bebês e os bem pequenos. Uma marca forte é a de que este trabalho não exige muito conhecimento. Por isso, surgem representações associadas à maternagem e ao gostar de cuidar de crianças, representações essas que tendem a um espontaneísmo, romantismo, naturalização e um processo de “etiquetagem” (Pais, 2003) da profissão. Tais noções também estão atreladas à crença de que o trabalho pedagógico com crianças desde bebês não exige muito planejamento, redundando na concepção de que o fazer-fazendo da docência realizado na Educação Infantil tem menor valor, comparado aos níveis subsequentes da Educação Básica.

De natureza qualitativa, elaboramos análises que explicitam nossas interpretações das práticas docentes observadas em instituições públicas de Educação Infantil. Os dados empíricos foram gerados por narrativas escritas, de professoras da rede pública sobre a dinâmica institucional em relação aos diferentes momentos das rotinas, que estamos denominado de diferentes minúcias do fazer-fazendo da docência. Os registros destas narrativas foram sistematicamente transcritos no caderno de campo e complementados com notas de observação do cotidiano vivido entre crianças e professoras, criança e criança no percurso de um ano.

Neste sentido, a escolha e a decisão pelas minúcias da vida cotidiana é um modo de legitimar práticas diversificadas, não padronizadas, mecanicistas, rotineiras e que nos provocam a refletir acerca de como a boniteza e o esperar (Freire, 1997) acontece, de modos tão diferentes, ou seja, pensar e realizar o fazer-fazendo da docência pelas minúcias é, também, compreender que, diante de tantos desafios e dilemas da escola contemporânea, para as professoras e os professores, se exige sempre uma tomada de decisões, uma escolha sobre o que é, sobretudo, uma escolha do “ser sendo professor/a”, uma decisão em relação ao “como” fazer-fazendo da docência nos meandros das rotinas construindo outras práticas docentes.

Na sequência este texto apresentará análises e reflexões propositivas sobre a construção da docência à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociologia da Vida Cotidiana e da Pedagogia da Infância. No terceiro momento, trazemos apontamentos que consideram o cotidiano e as rotinas como categorias centrais da docência na Educação Infantil, elaborados pelas relações construídas entre o material empírico e o referencial teórico. Consideramos que são categorias interdependentes, separadas e organizadas apenas para fins didáticos, já que a presença de uma implica consequências nas demais.

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA À LUZ DA SOCIOLOGIA DA VIDA COTIDIANA: ANÁLISES E REFLEXÕES PROPOSITIVAS

A escolha pela Sociologia da Vida Cotidiana se dá por sua relevância na construção da docência olhada e percebida pelo ângulo da cotidianidade, uma realidade ainda pouco explorada pelas pesquisas. Tal perspectiva pode significar o reconhecimento da multidimensionalidade, heterogeneidades várias e a complexidade de estar com o grupo geracional infância em um espaço de vida coletiva que se entrelaça de forma indissociável com as dimensões da educação e do cuidado (Barbosa, 2021; Martins Filho, 2013; 2015), dimensões estas que representam a função precípua da docência com crianças desde bebês.

Direcionamos as reflexões à especificidade da docência almejando sua afirmação no campo da Educação Infantil, com o reconhecimento de suas diferenças com relação às demais etapas da Educação Básica. Trataremos de mostrar, ainda, que existem diferentes formas de adentrar nos meandros da vida cotidiana que se encontram para serem conhecidas e reconhecidas, legitimadas e sustentadas, isso a partir do próprio fazer-fazendo, no sentido de valorizarmos as diferentes rotinas que compõem a docência. Rotinas consideradas e demonstradas em sua riqueza de buscas e de aspirações que acompanham e impulsionam as pressões do dia a dia no confronto com a vida e no entrelaçamento entre as temporalidades e as espacialidades nas “cronotopias do cotidiano” (Pais, 1986)⁴.

Seguindo as recomendações de Machado Pais (2003, p. 26), em relação à pesquisa com o cotidiano, é necessário “deslizar o olhar pelo contexto social, pois em um cerceamento da realidade, deve converter o cotidiano em permanente surpresa”. Nesse itinerário, vai dizer que agindo como um exímio observador, somos “desafiados o tempo todo a imaginar, a descobrir e a construir a realidade que observamos” (Pais, 2003, p. 27). Ele considera, ainda, que “a realidade social não é facilmente acessível ao investigador, pronta a entregar-se ao primeiro sinal de galanteio” (Pais, 2003, p. 13).

Nessa busca, para a

Sociologia do Quotidiano interessa mais a mostraçã (do latim *mostrare*) do social do que a sua demonstraçã, geometrizada por quadros teóricos e conceitos (ou preconceitos) de partida, bem assim como por hipóteses rígidas que, à força se procuram demonstrar num processo de duvidoso alcance em que o conhecimento explicativo se divorcia do conhecimento descritivo e compreensivo (Pais, 2003, p. 30).

⁴ Machado Pais (1986), em suas análises denominou a relação de mútua dependência entre espaço e tempo de “cronotopia”. A expressão tem sua origem no grego, onde *Khrónos* significa tempo e *topos* indica lugar. As questões cronotópicas envolvem articulação entre tempo e espaço.

Sendo assim, somos movidos pela “necessidade em dar resposta a dilemas e interrogações concretas que desafiam a imaginação sociológica” (Pais, 2003, p. 41).

Para Machado Pais (2013), pensar em uma Sociologia da Vida Cotidiana não significa necessariamente pensar o cotidiano e a vida diária como categorias únicas de estudos ou mesmo únicos objetos de pesquisa. Assim, por mais paradoxal que possa parecer, a vida cotidiana é onipresente, ou seja:

Está em todo o lado! Está no trabalho, está na escola, está no fazer – ou seja, como costume dizer, não é possível caçar, a laço, o cotidiano quando cavalga diante de nós. O cotidiano é o laço que permite dar nós de inteligibilidade ao social. Portanto, para mim o objeto de estudo é o social (Pais, 2013, p. 365).

Dessa forma, compreender a vida cotidiana com laços às situações sociais permite uma busca e averiguação minuciosa daquilo que, muitas vezes, possa parecer invisível ou imperceptível. Machado Pais (2013) nos impulsiona para uma leitura da realidade social por meio do cotidiano, ou seja, da movimentação do viver a vida. Indica tomá-lo como alavanca para o conhecimento, em uma transformação revolucionária da visão. Nas suas interpretações, trata-se de uma metodologia de inquirição que, no social, toma como relevante o aparentemente irrelevante; que toma como significante o aparentemente insignificante; que toma como objeto de reflexão aquilo que se passa quando nada se parece passar (Pais, 2013, p. 365).

Machado Pais (2013) corrobora para construirmos caminhos promissores de compreensão sobre situações e relações sociais evidenciando as mais pequenas coisas, a exaltação dos detalhes, das minudências, dos pormenores no fazer-fazendo das práticas com a docência. Uma reflexão do ordinário ao extraordinário, incidindo especialmente na releitura do cotidiano e na construção de abertura a novos modos de reinventar a vida diária e, criar bem-estar para todos os envolvidos na escola, seja para as professoras e professores, seja para os bebês e as crianças.

Com isso, a investigação vai evidenciar que é preciso duvidar das superficialidades, do ostracismo e da inércia nos quais, em grande medida, a vida na sua cotidianidade parece estar mergulhada, ideada, repousada e pausada em suas repetições lineares ou mesmo cíclicas. Nesta superficialidade que circunda o cotidiano, o qual Machado Pais transborda em apresentá-lo, não como uma qualidade, mas sim como situações e relações sociais rasas, alertando para não nos aprisionarmos em uma “adesão cega” ao rotineiro e repetitivo. Nasce

a necessidade pujante de problematizar a rotinização em sua fina malha de tempos, espaços, gestos e relações em que acontece quase tudo no percurso da vida de todos os dias. A questão sai de uma perspectiva de forte previsibilidade e normatização da docência em direção à desrotinização do fazer-fazendo em uma visão desestandardizada ou desescristalizada.

É neste sentido que chamamos a atenção para a importância do fazer-fazendo da docência como uma viagem, e não um porto. De forma análoga, consideramos a viagem o próprio cotidiano e o porto as rotinas rotineiras. Analisamos que a viagem dá possibilidade de encarar a vida em seus diversos acontecimentos e movimentos (em suas múltiplas dialéticas), pois sempre traz uma vivência nova. Já o permanecer no porto, não possibilita aventurar-se ao novo, ao diferente, ao insólito, ao detalhe, ao pormenor, ao extraordinário e à beleza do maravilhamento. Nossa premissa é que a vida cotidiana seja a nossa viagem de todos os dias para pensarmos as práticas docentes com serenidade, tranquilidade, flexibilidade, sensibilidade, sofisticação, inteligibilidade e ponderação (Martins Filho, 2023).

Desse modo, essa abordagem teórica e metodológica pode ainda contribuir para compreendermos “o cotidiano para além da obviedade, da arbitrariedade e da obscuridade que o esvazia de sua complexidade, quando o necessário seria viabilizar a afirmação da sua singularidade no entretecer de sua diversidade pedagógica” (Martins Filho, 2013, p. 46). Essa dimensão reverbera além de uma posição epistemológica e metodológica de pensar e fazer a Pedagogia da Infância (Faria, 1993; Rocha, 1999; Barbosa, 2001; Martins Filho, 2013), uma posição política naquilo que visa às máximas possibilidades de os bebês e as crianças vivenciarem seus direitos e sua cidadania em um espaço de educação democrático, por isso de qualidade e justiça social, considerando o alto grau de vida protagonizada por adultos e crianças em um ambiente coletivo.

Sabemos que o dia a dia de uma instituição educativa é cheio de situações inusitadas, imprevistos, tensões, pressões, contradições, disputas e ambiguidades que emergem da vida instante a instante. O cotidiano imprime sua marca na vida social, ou seja, por meio dele temos a possibilidade de encontrar o extraordinário no ordinário vivido diariamente por horas, dias, meses e anos que crianças e adultos passam no contexto da Educação Infantil, fazendo com que “a vida cotidiana deixe de ser meramente vivida – isto é, repetidamente – para passar a ser investida, criativamente com aventura (Pais, 1986, p. 9). Mas, o que reveste o cotidiano em sua tão complexa observação e descrição? Arriscamos dizer que a cotidianidade está encharcada (Freire, 1997) de enigmas à espera de serem decifrados. Machado Pais (2003, p. 57) corrobora dizendo que “decifrar enigmas” implica, pois, estudar a natureza das mensagens

por eles encobertas e o sentido dessas mensagens, no “aqui e o agora” do cotidiano, uma possibilidade de viver o presente procurando dilatar o espaço da experiência (Pais, 1986).

Assim, nossa aproximação com os estudos da Sociologia da Vida Cotidiana possibilitou-nos chegar de forma mais evidente aonde queríamos e poderíamos chegar para evidenciar as minúcias do fazer-fazendo da docência. Esse foi um caminho que se mostrou revelador para que tomássemos rumos mais coerentes com uma prática docente reflexiva e analítica. O que queremos dizer é que os fios que fomos tecendo no decorrer de nossos estudos com a Pedagogia da Infância passaram a ser fundamentais para compreendermos e acompanharmos as nuances que revestem as rotinas em suas infinitas situações. A compreensão desses fios, são as relações que cada professora e professor tecem e costuram no decorrer da própria vida cotidiana, concebendo que não podemos reduzir o diário ao rotineiro, ao repetitivo e ao a-histórico, pois “o cotidiano é o cruzamento de múltiplas dialéticas entre o rotineiro e o acontecimento” (Pais, 1986, p. 10). Assim, nas cronotopias do cotidiano, as professoras e os professores desenvolvem suas vivências e constituem sua identidade profissional, pois há múltiplas formas e modos na condição de ver e perceber as minúcias da docência.

A VIDA COTIDIANA E AS ROTINAS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE E REFLEXÃO

Nosso interesse é pensar a categoria das rotinas em processos vivos e vividos no percurso da cotidianidade. Este foi um viés promissor para alcançarmos as diferentes minúcias do fazer-fazendo da docência, o que em nossas análises e reflexões vai ao encontro do que Machado Pais (2003, p. 35) argumenta: “se é no cotidiano que se reproduz a realidade, é também no cotidiano que é possível começar a modificá-la”.

Neste ponto, cabe dizermos que as rotinas como categoria central da docência na Educação Infantil, atravessa como uma fúria o pensamento e a ação no seu fazer-fazendo, entremeando-o ou recruzando-o, como diria Guimarães Rosa (2001). Em especial quando compreendemos que as situações da vida cotidiana não estão deslocadas do agir educacional e pedagógico, e que não podemos separá-las ou segregá-las, como um jogo em que há vilões e mocinhos.

Os diferentes gestos que compõem as rotinas cotidianas passam a ser dinamizados com as várias situações e relações sociais, problematizando a perspectiva instrumental da

execução, que muitas vezes fica distante do pensamento. Pelo exposto, a reflexão e a análise poderão ser as dimensões que estimulam no coletivo da instituição a cooperação, solidariedade, socialização, cumplicidade, aprendizagem, compartilhamento, criando uma nova forma à docência por meio do diálogo, da escuta e da própria observação do movimento do viver a vida.

Machado Pais (1993) descreve que a reflexão sobre o cotidiano começa a ser elaborada no século XVIII, isso quando a literatura conta, por meio de romances, a história de vida das pessoas comuns e a pintura como arte descobre o encanto de retratar homens, mulheres e crianças sem suas atividades e rotinas diárias. Daí iniciam-se grandes contribuições para demonstrar a riqueza da vida cotidiana e dos eventos que acontecem todos os dias. Assim, “o cotidiano é visto tanto como objeto de estudos como também uma estratégia metodológica de pesquisa”, como uma linguagem “com particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire sentido” (Pais, 2003, p. 70). Porém, “são nas brechas do saber consolidado que se dão as possibilidades criativas e de desvio” (Pais, 2003, p. 46).

Estudar o cotidiano toma um significado que “condena os percursos rígidos de hipóteses de partida, a uma domesticação de itinerários que facultam ao pesquisador a possibilidade de apenas ver o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver” (Pais, 2003, p. 17). Em nossas análises e reflexões, o que Machado Pais nos apresenta é que a realidade é construída, e não captada, portanto, formularmos um quadro teórico torna-se essencial, mas há a necessidade de observarmos e termos instrumentos metodológicos que desafiem o pesquisador a descobrir, desvendar e interpretar; isso “ao serviço da capacidade criadora de quem pesquisa” (Pais, 2003, p.13).

Barbosa (2009) e Martins Filho (2013), estudando a Sociologia da Vida Cotidiana de Machado Pais, apontam que retratarmos as riquezas dos detalhes da vida diária é uma possibilidade de atenção para descobrirmos a originalidade do cotidiano⁵. Alertam que muitas vezes nossa atenção se volta apenas para as grandes ações e esquecemos a importância dos pequenos gestos que configuram as mais pequenas coisas em sua delicadeza e detalhe. Abre-se uma nova postura na qual, anteriormente, apenas valorava-se o registro dos macros acontecimentos, isto é, os fatos de ampla abrangência, aqueles que contemplam o planeta Terra, as cidades e os países, os sistemas educacionais, as legislações e as políticas públicas.

⁵ Barbosa (2009, p. 43) nos diz que a História – até então escrita a partir dos grandes feitos e heróis, dos grandes nomes – procurou incluir o dia a dia na análise de suas questões. Também a Antropologia (com seus estudos etnográficos) contribuiu para reivindicar a importância do cotidiano na construção teórica das Ciências Sociais.

Em uma virada metodológica os fatos dos microacontecimentos começaram a ser registrados e valorizados, ou seja, aquilo que emerge da vida comum, na natureza, na cultura, nas relações e que nos afeta, nos constitui e que nos torna humanos.

O cotidiano é preenchido por situações sociais que se passam todos os dias, isto dentro de “regulações temporais e racionalizadas em rotinas” (Pais, 1986, p. 10), que podem ser “organizadoras da vida cotidiana ou se transformar em uma tecnologia de absolutos” (Barbosa, 2001, p. 96). É possível afirmar que o cotidiano transborda em suas rotinas, mas que não deve ser necessariamente, banalizado por estruturas imutáveis, padronizadoras e universalizantes, que não possam ser rompidas e ressignificadas. Segundo Machado Pais (2003, p. 23) “ao passear por caminhos que cruzam rotina e ruptura, a sociologia do cotidiano passa um pente fino na paisagem social em busca dos significantes mais do que dos significados”. Se há uma lógica de vida cotidiana rotineira, monótona, repetitiva, mergulhada na mesmice e no tudo igualzinho dia após dia (MARTINS FILHO, 2013), ela precisa ser vencida e problematizada. Já que é no “nada de novo do cotidiano que encontramos condições e possibilidades de resistências que alimentam a sua própria rotura [ruptura] (Pais, 1993, p. 105).

Nesse contexto, a nossa pesquisa, que se interessou pelas minúcias da docência no fazer-fazendo das rotinas, nos mostrou que o cotidiano está nos entrelugares do previsível e das imprevisibilidades, das consistências e inconsistências, do rígido e do delicado, do racional e do afetivo, do repetitivo e do criativo, da tradição e da inovação. Diante dessa lógica de funcionamento, é urgente e necessário olharmos e percebermos as aberturas e as possibilidades de resistências e rupturas para a renovação e a transformação. Como assevera Machado Pais (2003, p. 35), “(...) a realidade poderá ser diferente e, para se chegar a ela, torna-se, necessário penetrar nos meandros da vida cotidiana”.

A professora Patricia, sujeito foco de nossa pesquisa de campo, narra uma situação que ocorreu com ela e um grupo de crianças bem pequenas, a qual consideramos ilustrativa do seu ato de reflexão e análise sobre a complexidade que reveste a docência no movimento da vida cotidiana, e que transcrevemos aqui:

Muitas vezes na creche percebo que tudo se lança ao proibido, por exemplo, deixar as crianças servir-se sozinhas, escolher com quem sentar à mesa, ficar conversando com um amigo durante as refeições, subir nas bicicletas e carrinhos de bebê que ficam no pátio do CEI, transformar vassouras em cavalos, pegar água no tanque para misturar com areia. Vimos tudo ali exposto, mais ao mesmo tempo nada à disposição das crianças, ao seu livre acesso. O que não falta são adultos combatendo a vida; parece até que não conheceram a alegria de ser criança. Ainda bem que não falta nas crianças energia para insistir e protestar. Nossas reflexões têm nos ajudado a ver as

manifestações das crianças como indicativos para pensar nossas próprias propostas (Narrativa escrita, Professora Patricia).

Neste aspecto, o que a professora desenvolveu em sua prática diária foi o exercício de registrar uma produção reflexiva e analítica do cotidiano, ou como ela mesma expressava: “fazer menos e refletir mais”. Talvez este registrar como produção reflexiva e analítica era o que possibilitava à professora ensaiar outros sentidos para o exercício do seu fazer-fazendo da docência, ultrapassando e superando o modo convencional e canônico presente na ação das rotinas e no pensamento sobre a vida cotidiana com a Educação Infantil. O envolver-se, para a professora, significava a sua participação de corpo inteiro, como costumava afirmar em suas narrativas escritas. Estar de corpo inteiro nas situações e relações de vida cotidiana era estar em ação, em movimento, fazendo-se também durante o fazer da docência em seus diferentes gestos e acontecimentos. O que exigia dela aproximação e disposição para conhecer e não encobrir a realidade circundante. A reflexividade sobre o pensamento e a ação do fazer-fazendo das rotinas diárias proporcionava uma melhor visualização da própria vida cotidiana em seu contexto amplo, distanciando-se bastante das práticas pedagógicas rígidas e controladoras que se manifestavam na maioria das professoras da instituição educativa em tela.

Assim, entre outras evidências que compõem esse quadro de análise, a reflexão do fazer-fazendo da docência respalda e legitima ações da vida cotidiana em uma interface com as diferentes minúcias na vivência das rotinas diárias. A prática da docência passa a ser fonte de construção do conhecimento sobre a profissão, e a reflexão sobre essa prática, o instrumento dessa construção; isso a partir das escolhas e do que é privilegiado para ser vivido. Entretanto, cada professor e professora deverá ter a consciência de desenvolver o seu próprio quadro interpretativo sobre o exercício de sua docência, reconhecendo, portanto, que o ato educativo é complexo e imprevisível. O ver-se fazendo, que é resultado do fazer, precisa ter significado relevante para as professoras e para as crianças, algo que a professora Patricia considerava como *espinha dorsal* da sua prática docente.

Somos requeridos a fazer escolhas permanentemente, e também a agir diante de um mundo de possibilidades plurais na contemporaneidade. Giddens (2002, p. 79), na perspectiva da sociologia crítica, nos alerta que a “escolha é um componente fundamental da atividade do dia a dia, na estruturação do eu”, e interpretamos também na composição de um coletivo. Acrescenta o autor: “a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e, ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser

selecionadas” (Giddens, 2002, p. 79). A narrativa da professora Patrícia descreve: “Vimos tudo ali exposto, mais ao mesmo tempo nada à disposição das crianças, ao seu livre acesso”, sendo assim, analisamos que as crianças vivem as situações de escolhas de forma muito ambivalente e, ainda, estão assujeitadas ao ponto de vista dos adultos sobre o que podem escolher em suas vivências. Há um cardápio variado de alternativas a escolher, porém sem a confiança, a autonomia, a liberdade e a abertura para as possibilidades, tanto as crianças como os adultos, acabam estandardizando e padronizando as definições e a estruturação de um Projeto Educativo e Pedagógico na coletividade das ações.

Cabe ainda diferenciar o conceito de cotidiano, em sua complexidade, abrangência e cosmovisão em relação ao conceito de rotinas. Sendo “a rotina uma racionalização ou uma tecnologia constituída pelos seres humanos e pelas instituições”, pois ela “é apenas um dos elementos que integram o cotidiano” (Pais, 2003, p. 35). Machado Pais (2003, p. 28) explicita que o cotidiano é compreendido como um conceito de vida diária, ou seja, o tempo vivido pelas pessoas; já as rotinas, são artefatos que organizam um estilo de vida. Assim escreve o autor: “o que se passa no cotidiano é rotina”; e continua dizendo que o verdadeiro desafio que se coloca é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da "aparente" rotina de todos os dias, “como a imagem latente de uma película fotográfica” (Pais, 2003, p. 31).

Barbosa, ainda compreendendo as rotinas como um dos elementos integrantes da vida cotidiana, salienta que “as rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade (Barbosa, 2006, p. 37). A autora explica o termo em sua origem etimológica, dizendo que a mesma está presente em algumas línguas como latim, inglês, português e francês com a seguinte definição: “é a de noção espacial vinculada a um caminho, uma direção, um rumo e, agregado a esse significado está presente a ideia de percurso já conhecido, familiar, não estranho” (Barbosa, 2006, p. 48).

Em nossas pesquisas (Martins Filho, 2013; 2010; 2015), temos defendido que é necessário aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se rotinas do dia a dia, porém elas não podem se tornar automatizadas ou cair em uma “ótica de rotinização” (Pais, 2003). Sendo assim, se é preciso termos modos de organizar o cotidiano, pois, caso contrário, seria muito difícil vivermos a vida diária, também é necessário transformarmos as rotinas rotineiras em vida cotidiana. Isso nos faz pensar que há necessidade de construirmos um cotidiano voltado às práticas e, ainda mais especificamente falando, voltado ao fazer-fazendo da docência em cada gesto, prestando atenção nos motivos pelos quais são feitas as

coisas de um jeito, e não de outro, para podermos criar contrapoderes hegemônicos, mudarmos a vida e rompermos com o poder etéreo da mesmice.

Diante do exposto, é fundamental considerarmos os espaços, tempos, relações, materiais e atividades, entre outras dimensões de qualquer vivência cotidiana, onde se move a vida em seu movimento do viver, ou seja, as próprias rotinas que, nas palavras de Machado Pais (2003, p. 88), “constituem um processo repetido de apropriação de tempos, espaços e atividades”. Atentarmos para essa multidimensionalidade poderá contribuir para nos desafiar a olharmos com olhos livres e bem abertos para o que se está a fazer no seu fazendo. Também é preciso considerarmos a complexidade subjacente às repetições das rotinas, mesmo que na superfície essas rotinas deixem transparecer leveza, simplicidade, e sejam consideradas de menos importância no papel da docência. Em suma, temos que nos colocar a compreender o “papel da docência na vida e o papel da vida na docência” (Nóvoa, 1999, p. 78). Com isso nos perguntamos: Seria possível na repetição do fazer-fazendo da docência alimentar o extraordinário e o insólito no percurso da vida cotidiana?

Como exemplo, trazemos o que expressa a professora pesquisada, Patrícia, relativamente à sua percepção em relação as rotinas no fazer-fazendo da docência:

Convivemos com aqueles que acham que nada mais tem solução, com aqueles que dizem que o tempo se encarregará das mudanças e ainda com aqueles que se contentam em dizer que sempre foi assim, que temos que aceitar o que vem “de cima”. Mas, felizmente, temos aquelas pessoas, aqueles parceiros que muito mais que as mãos, entram de corpo inteiro nesta luta de transformar as rotinas em vida na cotidianidade com as nossas crianças (Narrativa escrita, professora Patrícia).

As rotinas são estruturadoras do ambiente e do fazer-fazendo cotidiano, mas podem se tornar aprisionadoras dos sentidos possíveis da docência. É nesta linha tênue que as rotinas, se fechando para uma possível padronização de seus atos, acabam se tornando rotineiras, o que leva a uma vida cotidiana alienada e alienante. Barbosa (2001) vai dizer que as rotinas se constituem como uma categoria didática central, porém alerta que muito ainda precisamos problematizá-las, pois são pouco explicitadas nos estudos sobre a docência. Nas palavras da autora:

[...] a rotina pode tornar-se uma tecnologia de dominação quando não considera o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos. Quando se torna apenas uma sucessão de eventos, de pequenas ações, prescritas de maneira precisa, levando as pessoas a agirem e a repetirem gestos e atos em uma sequência de procedimentos. É fundamental, ao criar rotinas deixar uma ampla margem de movimento, senão encontraremos o terreno propício à alienação (Barbosa, 2001, p. 96).

Considerarmos essa complexidade não é querermos alcançar a perfeição, mas sim, qualificarmos as minúcias do fazer-fazendo da docência para realizá-las com leveza, sutileza, sofisticação e aperfeiçoamento. Nossa crença maior é que o aperfeiçoamento, não a perfeição, contribuirá com a expansão positiva e sofisticada da docência no percurso da vida cotidiana. As minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência é uma metáfora ilustrativa, poderosa e propositiva da concepção de docência, especialmente para uma versão de projeto pedagógico e educacional que pretende ver o cotidiano para além do banal e sem importância.

Trazemos uma outra narrativa da professora Patrícia para ilustrar o que estamos refletindo e analisando:

Quando vou assoar o nariz de uma criança procuro avisar antes de fazer, ou ainda, a convido para fazer do seu jeito [...]. Mas, como estou sozinha e sem outra profissional para me ajudar, a correria me faz agir de maneira corriqueira e mesmo sendo difícil, tento olhar para frear minhas ações, isto para não agir repentinamente com as crianças. [...] Procuro me envolver com as coisas simples, sem simplificar a vida. Assoar o nariz, por exemplo, é algo que considero que precisa de mais atenção nas práticas aqui no CEI. [...]. (Narrativa escrita da professora).

O exemplo do assoar o nariz faz pensarmos o quanto a docência está em volta de muitas minúcias que, quando observadas e levadas em consideração fazem toda uma diferença na relação com os bebês e as crianças bem pequenas. Também altera a natureza da docência, interpelando o pragmatismo, mecanicismo e o utilitarismo que muitas vezes dão o tom à vida cotidiana nas instituições educativas. Talvez esta construção possibilite pensarmos em outra forma para o fazer-fazendo da docência, uma forma mais aberta, nutrida e alinhada ao que se possa encontrar no caminhar da vida diariamente, em especial transformando as rotinas rotineiras em vida cotidiana.

Neste contexto, temos refletido permanentemente para pensarmos as rotinas como elementos constituidores da vida cotidiana. Isso no sentido de que as rotinas possam sintetizar o Projeto Político Pedagógico das instituições e passem a apresentar a proposta de ação dos profissionais (e aqui para todas as categorias), a qual pode permitir ou não aos bebês e às crianças bem pequenas viverem uma vida intensa, marcante, vivida e vivificada.

Queremos dizer o quanto se torna necessário os professores e as professoras se autorizarem a escrever suas palavras. Segundo Machado Pais (2003, p. 107), “o conhecimento do mundo faz-se de palavras”, e as palavras dão sentido às vivências no mundo. Ainda para o autor: “as palavras acabam por nos dizer o que o mundo é quando acreditamos que o mundo

é a realidade que as palavras nomeiam”. Assim, para descobrirmos os muitos mundos no mundo, precisamos fazer nossa voz calada falar, precisamos escrever sobre as nossas palavras. Há muitos mundos no mundo!

Com as reflexões e análises à luz da Sociologia da Vida Cotidiana e os estudos no campo da Pedagogia da Infância, encerramos nosso texto que traz atravessamos, pressões, tensões, desafios e percursos das rotas da vida cotidiana com as palavras do filósofo Mario Sergio Cortella (2006, p. 16), que em seu livro, *Não Nasceamos Prontos*, usa a sua palavra para escrever: “Gente não nasce pronta e vai gastando; gente nasce não-pronta, e vai se fazendo”.

Em síntese, poderemos apontar como finalidade deste artigo, sustentados quer na Sociologia da Vida Cotidiana e na Pedagogia da Infância, quer na pesquisa empírica, a nossa pretensão em trazer para o debate alguns dilemas e desafios da escola contemporânea de Educação Infantil a pertinência de acolhermos de forma analítica e reflexiva o sentido das diferentes minúcias no fazer-fazendo da docência nos trânsitos do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 10 Edição. 2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por Amor e Por Força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 128 p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *As Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês*. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Práticas Cotidianas na Educação Infantil. Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares*. Projeto de Cooperação Técnica MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica/UFRGS, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em 30 de março de 2017.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise (Org.). *Aprender pela Vida Cotidiana*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Campinas: Autores Associados, 2012.

CAMPOS, Maria Malta. *Infância como Construção Social: contribuições do campo da pedagogia*. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Carolina Machado (Orgs.). *Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. cap. 1, p. 11-20. 295.

CORTELLA, Mario Sergio. Não Nascemos Prontos: provocações filosóficas. Petrópolis: São Paulo: Editora Vozes, 2006.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Educação Pré-Escolar e Cultura. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GUATTARI, Felix. Micropolítica: cartografias do desejo. 4. Ed. Petrópolis, SP: Editora Vozes, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOAHN, Walter Omar. Vida e Morte da Infância, entre o Humano e o Inumano. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acessado em 14 de outubro de 2015.

KRAMER, Sônia. Gestão Pública, Formação e Identidade de Profissionais da Educação Infantil. Cadernos de Pesquisa, V. 37, N. 131, maio/ago. 2002.

MARTINS FILHO, Altino José. Minúcias da Vida Cotidiana no Fazer-Fazendo da Docência na Educação Infantil. 2013. 305 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2013a

MARTINS FILHO, Altino José. Minúcias da Vida Cotidiana no Fazer-Fazendo da Docência na Educação Infantil: docência além da A4. Florianópolis: Editora Insular, 4ª Edição. 2023, p. 260.

MARTINS FILHO, Altino José, PRADO, Patrícia Dias. Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância. São Paulo: Autores Associados, 2010a, p. 210.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). Criança Pede Respeito: docência na educação infantil além da A4. Tubarão: COPIART, 5ª Edição. 2024, 210p.

MARTINS FILHO, Altino José Martins. DELGADO, Ana Cristina Coll (org.). Dossiê “Bebês e Crianças Bem Pequenas em Contextos Coletivos de Educação”. Pro-posições, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013b.

MARTINS FILHO, Altino José. A Vez e a Voz das Crianças: uma reflexão sobre as produções culturais na infância. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, MG, n.61, p.35-45, jan./fev.2005.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). Infância Plural: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de Ser Criança: pesquisas com crianças nos trabalhos apresentados na ANPED de (1999-2009). 32ª. Reunião Anual da ANPED. Minas Gerais, out. 2010b.

MOSS, Peter. Introduzindo a Política na Creche: a educação infantil como prática democrática. *Psicologia USP*, vol. 20, núm. 3, jul.-set. 2009, pp. 417-436. Instituto de Psicologia. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305123733007> Acessado em 28 de agosto de 2015.

MEC. Práticas Cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf

NÓVOA, Antônio. Formação de Professores e Ação Pedagógica. Lisboa: Educar, 2002.

ONGARI, Barbara; MOLINA, Paola. A Educadora de Creche: construindo suas identidades. São Paulo: Cortez Editora, 2003, 172p.

PAIS, José Machado. Vida Cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. As “Cronotopias” das Práticas Culturais do Quotidiano. *Observatório das Actividades Culturais*, Lisboa, n. 4, p. 7-10, out. 1986.

PAIS, José Machado. Nos Rastros da Solidão: deambulações sociológicas. Porto: Âmbar, 2013.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999, 290p.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

SAVIO, Donatella. *Il Gioco e L'identità Educativa del Nido D'infanzia: un percorso di valutazione formativa partecipativa nei nidi di Modena*. Edizioni Junior srl. 1ª ed. Parma. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. vol. 1 (Para um novo senso comum...). 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000. 415 p.